



SEÇÃO: EPISTEMOLOGIA & FILOSOFIA DA LINGUAGEM

A defesa de John Locke da teoria da substância na primeira 'carta' a Edward Stillingfleet

John Locke's defense of the theory of substance in the first 'letter' to Edward Stillingfleet

La defensa de John Locke de la teoría de las sustancias en la primera 'carta' a Edward Stillingfleet

Vinicius França Freitas¹

orcid.org/0000-0002-8304-4732

fvinius@yahoo.com.br

Carlota Salgado

Ferreira²

orcid.org/0000-0001-7968-9063

csalgadinho92@hotmail.com

Recebido: 23 out. 2022.

Aprovado: 10 set. 2023.

Publicado: 26 jun. 2024.

Resumo: O artigo discute a primeira 'Carta' de John Locke a Edward Stillingfleet e problematiza suas respostas às críticas direcionadas à sua teoria da substância. Apresenta-se (seção 1) o que parece ser, para Locke, o coração do ataque de Stillingfleet à sua doutrina da substância, a acusação de que os princípios do *Ensaio* 'quase descartam a substância da parte razoável do mundo'. Problematizam-se ambas as respostas de Locke a essa objeção: (seção 2) sua negação de compromisso com o princípio de que o conhecimento dependeria da aquisição de ideias claras e distintas e (seção 3) sua negação de compromisso com uma forma de ceticismo ou uma forma de dogmatismo negativo em relação à existência das substâncias. Na sequência (seção 4), sublinha-se que Locke mantém, na 'Carta', a tensão entre uma explicação empírica e uma explicação racional para a ideia de substância enquanto suporte ou substrato. Por fim, (seção 5) discute-se as dificuldades dos comentários de Locke sobre o caráter relativo da ideia de substrato.

Palavras-chave: história da filosofia; substância; ideia relativa; conhecimento; ceticismo.

Abstract: The paper discusses John Locke's first 'Letter' to Edward Stillingfleet and attempts to show the difficulties of his replies to the criticisms of his theory of substance. Section 1 presents what appears to be the heart of Stillingfleet's attack on his doctrine of substance, the charge that the principles of the *Essay* <almost discard substance from the reasonable part of the world.> The paper defies both of Locke's replies to this objection: his denials that he is committed to (section 2) the principle that knowledge would depend on the acquisition of clear and distinct ideas and to a sort of skepticism or negative dogmatism concerning the existence of substances (Section 3). Section 4 states that Locke maintains in the 'Letter' the tension between an empirical and a rational explanation for the idea of substance as a support or substrate. Finally, section 5 sheds light on Locke's difficulties in determining the relative character of the idea of substrate.

Keywords: history of philosophy; substance; relative idea; knowledge; skepticism

Resumen: El artículo analiza la primera 'Carta' de John Locke a Edward Stillingfleet y problematiza sus respuestas a las críticas dirigidas a su teoría de la sustancia. Se presenta (sección 1) lo que parece ser, para Locke, el corazón del ataque de Stillingfleet a su doctrina de la sustancia, la acusación de que los principios del Ensayo "casi descartan la sustancia de la parte razonable del mundo". Ambas respuestas de Locke a esta objeción están problematizadas: (sección 2) su negación del compromiso con el principio de que el conocimiento dependería de la adquisición de ideas claras y distintas y (sección 3) su negación del compromiso con una forma de escepticismo o una forma de del dogmatismo negativo sobre la existencia de sustancias. A continuación (apartado 4), se destaca que Locke mantiene, en la 'Carta', la tensión entre una explicación empírica y una explicación racional de la idea de sustancia como soporte o sustrato. Finalmente, (sección



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

² Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

5) discutimos las dificultades de los comentarios de Locke sobre el carácter relativo de la idea de sustrato.

Palabras clave: historia de la Filosofía; sustancia; idea relativa; conocimiento; escepticismo.

Introdução

Jonh Locke (1632-1704) apresenta sua teoria da substância sistematicamente no *Ensaio sobre o entendimento humano* (1999)³, suscitando diversos ataques de opositores que a compreendem como ameaçadora⁴. Uma das mais veementes e conhecidas críticas é realizada por Edward Stillingfleet (1635-1699), Bispo de Worcester, em seu *A Discourse in Vindication of the Doctrine of the Trinity*⁵ (1697). O seu ataque⁶ é motivado sobretudo por sua compreensão de que os princípios lockianos do *Ensaio* ameaçariam não apenas o conhecimento da existência das substâncias corporais e espirituais⁷ como também o mistério cristão da Trindade. A resposta de Locke ao ataque do Bispo é imediata: uma extensa carta dirigida ao seu crítico, datada de 07 de janeiro de 1697, na qual o autor do *Ensaio* pretende responder pontualmente a cada uma das objeções daquele⁸.

Pretendemos, no presente artigo, dar continui-

dade à discussão do debate Locke / Stillingfleet sobre a noção de substância – iniciada em outros trabalhos⁹ –, especificamente, das observações apresentadas pelo filósofo na primeira 'Carta' em resposta ao Bispo¹⁰. Pretendemos avançar a hipótese interpretativa de que a carta não apresenta nenhum esclarecimento significativo na teoria da substância em relação ao texto do *Ensaio*. Acreditamos que essa hipótese poderá ser defendida a partir da problematização de alguns dos temas desenvolvidos por Locke na carta¹¹. Inicialmente, em uma seção de caráter introdutório (seção 1), apresentaremos o que parece ser, aos olhos do filósofo, o coração do ataque de Stillingfleet à sua doutrina da substância, a saber, a acusação de que os princípios do *Ensaio* 'quase descartam a substância da parte razoável do mundo'. Locke, a nosso ver, pretende responder a essa objeção de duas maneiras distintas, a saber, (seção 2) negando estar comprometido com o princípio de que o conhecimento dependeria da aquisição de ideias claras e distintas e (seção 3) negando que ele admita uma forma de ceticismo ou um dogmatismo negativo em relação à existência das substâncias. Discutiremos ambas as res-

³ Publicado originalmente em dezembro de 1689. A segunda edição da obra, revisada e com acréscimos feitos por Locke, data de 1694. Doravante, apenas *Ensaio*.

⁴ Sugerimos o trabalho de Peter Millican (2015) como introdução ao problema da substância no pensamento lockiano e a todas as dificuldades presentes no texto do *Ensaio* a esse respeito. Sugerimos também, em vernáculo, o trabalho do Professor Flavio Fontenelle Loque (2018).

⁵ O título completo da obra é: *A Discourse in Vindication of the Doctrine of the Trinity: with an Answer to the Late Socinian Objections against it from Scripture, Antiquity and Reason*.

⁶ A disputa Locke / Stillingfleet é um grande acontecimento filosófico do fim do século XVII. Um exemplo disso é a influência determinante dessa disputa sobre algumas concepções epistemológicas de G. W. Leibniz (1646-1716). Sobre a influência desse debate sobre o pensamento de Leibniz, ver Stewart Duncan (2017, p. 124-137) e o décimo capítulo da obra de Maria Rosa Antognazza (2008, p. 120-134).

⁷ Sobre os autores que, como Stillingfleet, compreenderam Locke como cético, ver John Yolton (1968, p. 87-92 e 99-102).

⁸ O título completo da carta, presente no terceiro volume das *Obras completas de John Locke em nove volumes* (1824) é *A Letter to the Right Reverend Edward Lord Bishop of Worcester, concerning some Passages relating to Mr. Locke's Essay of Human Understanding, in a late Discourse of his Lordship's in Vindication of the Trinity*. Doravante, referir-nos-emos à missiva apenas como primeira 'Carta'. Além dessa primeira resposta, o debate entre o autor do *Ensaio* e o Bispo consta ainda de outras quatro cartas: uma resposta de Stillingfleet, de 27 de março de 1697; a segunda resposta de Locke de 29 de julho; a segunda resposta de Stillingfleet de 22 de setembro; e, por fim, a terceira e última carta de Locke, com cerca de trezentas páginas e nunca respondida pelo Bispo – em virtude de sua morte – aparece em maio de 1698. Para uma história detalhada dessa correspondência, ver Matthew Stuart (2016).

⁹ Nossa pesquisa sobre a noção de 'substância' na filosofia de Locke é desenvolvida em três etapas. Na primeira, apresentamos e discutimos o modo como Locke apresenta sua compreensão dessa noção no *Ensaio* (Freitas & Salgadinho, 2023). Na segunda, apresentamos e discutimos detidamente a crítica de Stillingfleet à teoria lockiana (Freitas & Salgadinho, 2022). O presente artigo corresponde à terceira etapa dessa pesquisa, que se encerra com nossas reflexões sobre a resposta de Locke aos ataques de seu crítico.

¹⁰ A importância do debate Locke / Stillingfleet para a compreensão do pensamento lockiano está para além de qualquer dúvida. Nicholas Wolterstorff (1996), por exemplo, observa que em nenhum momento do *Ensaio* Locke seria tão claro sobre o 'conhecimento de existências reais' como em suas cartas ao Bispo (1996, p. 24). Nicholas Jolley (2015), do mesmo modo, observa que tais cartas de alguns dos textos mais importantes para se compreender suas teorias da substância, da possibilidade da matéria pensar, da identidade e da ressurreição dos mortos (2015, p. 14).

¹¹ Esclareçamos, inicialmente, que não pretendemos considerar todas as objeções do crítico à doutrina da substância do *Ensaio*. Seu ataque, com efeito, é constituído por várias objeções: a acusação de que a falta de uma ideia clara de substância implicaria na impossibilidade de se distinguir entre as substâncias particulares – que dependeriam de uma ideia clara e distinta da essência de 'homem' (1697, p. 238-240) –, na impossibilidade de se conhecer o próprio espírito (1697, p. 241-242), na possibilidade de a substância material ser responsável pelo pensamento (1697, p. 242-244), na impossibilidade de se explicar a maneira pela qual as substâncias operariam (1697, p. 244-245), além de ameaçar a própria existência de Deus (1697, p. 246-245).

postas para, na sequência (seção 4), tratarmos da explicação oferecida para a origem da ideia de substância enquanto suporte ou substrato, sublinhando que a tensão entre uma explicação empírica e uma explicação racional para essa ideia, textualmente encontrada no *Ensaio*, continua presente na carta. Encerramos (seção 5) abordando os comentários de Locke, não muito esclarecedores, sobre o caráter relativo da ideia de substrato.

1 O coração do ataque de Stillingfleet à teoria lockiana da substância

No texto da primeira 'Carta' resposta à crítica de Stillingfleet, Locke parece compreender que o coração do ataque à sua teoria da substância é a acusação de que os princípios do *Ensaio* 'quase descartam a substância da parte razoável do mundo':

Estas minhas palavras que vossa senhoria apresenta como prova de que sou um "dos cavalheiros que empreendem esta nova maneira de pensar, que quase descartam a substância da parte razoável do mundo". Perdoe-me vossa senhoria, mas esta é uma acusação da qual não sei como me defender, pois não entendo em que consiste "quase descartar a substância da parte razoável do mundo". Se vossa senhoria quer, com isso, dizer que eu nego ou duvido de que haja, no mundo, algo como a substância, absolver-me-á quando prestar atenção de novo nesse capítulo (que citou mais de uma vez) (LOCKE, 1824, p. 05)

A passagem citada merece dois esclarecimentos. Em primeiro lugar, os cavalheiros a quem Stillingfleet se refere em seu ataque como responsáveis por 'uma nova maneira de pensar' e que Locke menciona no trecho citado são os

unitaristas do fim do século XVII e, sobretudo, John Toland (1670-1722), autor de *Christianity Not Mysterious*, obra publicada em 1696. Em sua tentativa de racionalização dos mistérios da fé cristã, Toland admite seguir os princípios epistemológicos do *Ensaio*. O *Discourse* é escrito principalmente em resposta ao projeto tolandiano e aos princípios lockianos que supostamente o fundamentariam¹². Em segundo lugar, o capítulo a que Locke faz referência é o vigésimo terceiro do segundo livro do *Ensaio*, 'Das nossas ideias complexas de substância', a principal – mas não única – fonte para se compreender sua teoria da substância.

Do ponto de vista dos tópicos discutidos no presente artigo, os principais pontos da teoria lockiana da substância apresentados no capítulo citado, a nosso ver, podem assim ser sumarizados:

1. Há uma distinção entre duas ideias de substância no espírito, a ideia complexa de substância particular – as ideias de coisas particulares¹³ – e a ideia de substância pura em geral – a ideia de suporte ou substrato¹⁴ (SPG).
2. A ideia de SPG está presente – como 'primeira e principal' – em todas as ideias complexas que representam substâncias particulares¹⁵.
3. A ideia de SPG não é uma ideia simples adquirida por sensação / reflexão¹⁶, pelo que advém de uma fonte alternativa¹⁷.
4. A ideia de SPG é uma ideia relativa.

¹² Sobre a relação entre Locke e Toland, sugerimos a leitura de John Biddle (1976, p. 417-422). O intérprete propõe uma hipótese singular sobre essa relação. Ainda que Stillingfleet – e o próprio Toland – tenha entendido que Toland desenvolve os princípios do *Ensaio* contra os mistérios da religião, Biddle sugere que Toland tenha sido um dos alvos de Locke em *The Reasonableness of Christianity*, texto publicado no ano de 1695 (1976, p. 420). Ver também a obra de Jonathan Marko (2017), inteiramente dedicada à relação entre Locke e Toland na disputa Locke / Stillingfleet – o quarto capítulo é especialmente interessante, visto discutir o uso de Toland dos princípios do *Ensaio*.

¹³ A ideia de 'homem', por exemplo, é uma coleção de ideias simples de sensação – as ideias de figura, extensão, cor, cheiro etc.; a ideia de 'espírito', por sua vez, é uma coleção de ideias simples de reflexão – as ideias de vontade, entendimento, raciocínio, memória etc. (1999, p. 202).

¹⁴ "Portanto, se alguém se examinar a si próprio, no que respeita à 'ideia de substância pura em geral' [destaque nosso], descobrirá que, na realidade, não possui qualquer outra ideia acerca da mesma senão uma suposição do desconhecimento do que sustém essas características que são capazes de originar em nós ideias simples [...]" (1999, p. 387).

¹⁵ "[...] As ideias das 'substâncias' são aquelas combinações de tipo simples que se presume representarem diferentes coisas 'particulares' que 'subsistem por si próprias', nas quais 'a ideia suposta ou confusa de substância', tal como é, 'aparece sempre como a primeira e principal' [destaques nossos]" (1999, p. 204).

¹⁶ "Confesso que há outra ideia que seria bom que os homens tivessem, pois falam como se a possuíssem; e é a ideia de 'substância', 'que não temos nem podemos ter por sensação ou reflexão'" (1999, p. 92).

¹⁷ Como discutiremos na quarta seção do artigo, Locke não é claro sobre qual é essa fonte alternativa donde se origina a ideia de SPG.

5. A ideia SPG, por sua obscuridade e confusão, não permite o conhecimento da natureza das substâncias.

Locke pretende responder à objeção de quase descartar as substâncias da parte razoável do mundo de duas maneiras distintas. A primeira delas, considerada na próxima seção, é uma tentativa de atacar a própria raiz da crítica, a saber, a suposição de que ele estaria comprometido com o princípio de que o conhecimento dependeria da aquisição de ideias claras e distintas¹⁸. A segunda resposta, considerada na terceira seção, é uma tentativa de esclarecer duas possibilidades de interpretação da acusação – que o *Ensaio* impossibilitaria o discurso racional sobre a substância ou que a obra permitiria a dúvida ou a negação da existência das substâncias.

2 O conhecimento não depende da aquisição de ideias claras e distintas

O ponto de apoio da crítica de Stillingfleet de que Locke quase descarta as substâncias da parte razoável do mundo é a compreensão – atribuída por ele a Locke – de que o conhecimento humano dependeria fundamentalmente de ideias claras e distintas¹⁹, de tal modo que se o entendimento delas não dispõe das mesmas, não há conhecimento, pelo que o *Ensaio* permitiria duvidar ou negar a existência de substâncias²⁰. Na primeira 'Carta', Locke defende-se dessa acusação notando que, na verdade, ele não assume o princípio

que lhe é atribuído pelo Bispo:

Aquilo que vossa senhoria parece argumentar aqui é que podemos estar certos sem ideias claras e distintas. Confesso não saber contra quem argumentais sob o título desta nova hipótese acerca da razão. Com efeito, não me recordo de ter restringido a certeza a ideias claras e distintas em qualquer lugar, mas à conexão clara e visível de alguma das nossas ideias, sejam elas quais forem (LOCKE, 1824, p. 29).

Os princípios da teoria da origem do conhecimento humano de Locke são apresentados sistemática e detidamente no Livro IV de sua obra. Ali, o filósofo estabelece que as ideias são os únicos objetos do conhecimento humano²¹. Contudo, não há qualquer sugestão de que as ideias claras e distintas seriam não apenas condição necessária, mas também suficiente para o conhecimento humano, isto é, que nada mais, além delas, seria necessário para alcançá-lo. Portanto, a objeção de Stillingfleet estaria errada.

Intérpretes como, por exemplo, Neil Fairlamb (2010), concordam com essa última conclusão: o Bispo teria se equivocado em atribuir esse princípio²² a Locke. Reconhecemos que, no Livro IV do *Ensaio*, de fato, o filósofo não admite a clareza e a distinção de uma ideia como uma condição sem a qual não poderia haver conhecimento. Contudo, em favor da suspeita do Bispo, julgamos que o texto do capítulo XXIII do Livro II apresenta vários indícios de que, na verdade, o filósofo estaria comprometido com esse princípio de que o

¹⁸ Na 'Carta ao leitor', que antecede o *Ensaio*, Locke explica: "embora a expressão 'ideias claras e distintas' seja de uso corrente, temo que não seja bem entendida por grande parte daqueles que a usam; e admito que dificilmente alguém se preocupará em determinar-lhe o sentido exacto; é por isso que prefiro substituir as palavras 'claro e distinto' por 'determinado'; considero, na verdade, que este termo traduz melhor o meu pensamento; por determinado entendo qualquer objecto quando presente ao espírito, ou seja, tal como é actualmente visto ou apreendido" (1999, p. 18). E: "nesta conformidade, entendo que será adequado chamar a uma ideia 'determinada' quando ela aparece 'objectivamente' ao espírito, idêntica a si mesma em qualquer momento, e ligada, conseqüentemente, sem qualquer variação, a um nome ou som articulado que será o sinal permanente e preciso desse preciso objecto mental, ou seja, dessa 'ideia determinada'" (1999, p. 18). Portanto, ao mencionar uma ideia clara e distinta, 'determinada', Locke não tem em vista senão uma ideia que está presente ao espírito ou que poderá estar presente caso o termo que a designa seja pronunciado. Nesse caso, não é possível tomar uma ideia por outra.

¹⁹ "Isto é oferecido ao Mundo como uma Concepção de Razão, mas para mostrar quão solta e insatisfatória ela é, desejo que se considere que esta Doutrina supõe que devemos ter 'Ideias claras e distintas' do que quer que pretendamos como certeza em nossas Mentes, e que a única Via para atingir esta certeza é comparar estas 'Ideias' juntas" (1697, p. 232-233).

²⁰ "Mas se não podemos ter tais 'Ideias claras' acerca dessas coisas em nossas Mentes, como é requerido pela 'Sensação' ou 'Reflexão', ou a 'Razão' é inútil para operar sobre elas [*we have no use of 'Reason' about them*], ou ela é insuficiente para passar qualquer Julgamento sobre elas" (1697, p. 233).

²¹ "Uma vez que o espírito, em todos os seus pensamentos e raciocínios, não tem outro objecto imediato senão as suas próprias ideias, que são a única coisa que ele contempla, ou pode contemplar, é evidente que o nosso conhecimento se ocupa apenas com as nossas ideias" (1999, p. 719).

²² "Talvez nenhum dos lados tenha realmente compreendido as preocupações do outro, ou suas potências e fraquezas. Locke tinha pouco interesse em doutrina ou tradição, e os poderes filosóficos de Stillingfleet eram limitados. Ele não conseguia ver o ponto de Locke, de que ele nunca argumentou que as ideias claras e distintas eram as únicas bases para a certeza; ao invés, era a percepção do acordo ou desacordo das ideias que importava a Locke" (2010, p. 115-116).

conhecimento depende fundamentalmente de ideias claras e distintas. Como afirmado por Locke em muitas ocasiões: a substância é qualquer coisa que ele desconhece²³; ignora-se perfeitamente o que ela²⁴; desconhece-se a 'causa da união' das ideias simples de sensação / reflexão²⁵; desconhece-se a substância dos espíritos quanto dos corpos materiais²⁶; a ideia clara e distinta de substância corporal ou espiritual está tão longe que é como se não pudesse ser conhecida²⁷.

Não julgamos, portanto, que haja algum mal-entendido da parte de Stillingfleet ao atribuir a Locke a tese de que o conhecimento depende de ideias claras e distintas. O texto do capítulo sobre a substância é rico em evidências textuais que parecem fundamentar a leitura de Stillingfleet, embora, no Livro IV do *Ensaio*, não haja menção à dependência de ideias claras e distintas para o conhecimento.

3 Não se duvida ou se nega a existência das substâncias

Na passagem citada no início da primeira seção deste trabalho, Locke reconhece que não é capaz de entender completamente uma das principais acusações de que é vítima, a de 'quase descartar a substância da parte razoável do mundo'. O filósofo, em sua resposta, detém-se demoradamente em considerar essa crítica, observando, um pouco adiante no texto, que seria possível atribuir-lhe ao menos dois sentidos distintos:

A1. Locke duvidaria ou negaria a existência de substâncias;

A2. Locke negaria a possibilidade de se falar racionalmente sobre a natureza das substâncias.

Ao atacar diretamente ambas as possibilidades de interpretação da acusação de Stillingfleet, Locke observa:

[...] Se se inferir disso que ou [A1] ele exclui essas coisas do ser ou [A2] do discurso racional (se, por isso, se entender o mundo racionalizável) –, a primeira, de fato, não procede, uma vez que o ser das coisas no mundo não depende das nossas ideias; a segunda é, de fato, nalgum grau, verdadeira, mas não constitui um problema, [...] (LOCKE, 1824, p. 09).

De acordo com a compreensão de Locke, a acusação de Stillingfleet em sua interpretação A2 é 'parcialmente' correta, "pois é certo que quando temos ideias imperfeitas, inadequadas, confusas e obscuras, não podemos discorrer e raciocinar sobre tais coisas 'tão bem, completa e claramente' [destaque nosso], como se tivéssemos ideias perfeitas, adequadas, claras e distintas" (1824, p. 09). O filósofo esclarece o que, na acusação, é correto: a falta de clareza e distinção da ideia de SPG, de fato, não permite um discurso racional sobre as substâncias. Não é possível, a partir dessa ideia, fazer ciência – entendendo discurso racional como 'discurso científico' – do substrato. Apesar desse aspecto acertado da objeção de Stillingfleet, Locke reconhece que é possível falar algo a seu respeito, ainda que 'não tão bem e de

²³ "Se a alguém se perguntasse a que ideia a cor ou o peso adere, ele só teria que dizer que aderiria às suas componentes sólidas ampliadas. E se lhe fosse perguntado a que se liga essa solidez e extensão, ele não estaria em muito melhor situação do que o indiano [...], que referia que o mundo era suportado por um grande elefante, e ao perguntarem-lhe em que é que o elefante descansava, ele respondeu: sobre uma grande tartaruga. Mas ao ser uma vez mais pressionado para se saber o que sustentava a tartaruga com tão grande carapaça, ele respondeu que era 'qualquer coisa, não sabia o quê'" (1999, p. 387-388). Na passagem, Locke tem em vista a crença presente na mitologia indiana de que o planeta Terra seria sustentado por um elefante que, por sua vez, estaria sobre o casco de uma tartaruga. Parece-nos que a crítica lockiana é apenas epistemológica: assim como o filósofo indiano não seria capaz de conhecer aquilo que sustenta a tartaruga, o filósofo comprometido com uma teoria da substância como substrato não seria capaz de explicar o que é isso que sustenta as qualidades sensíveis.

²⁴ "[...] E significa também que a coisa que julgamos conhecer e sobre a qual falamos é algo sobre que não têm a mínima ideia e, portanto, 'ignoram-na perfeitamente e estão às escuras em relação a ela' [destaque nosso]" (1999, p. 388).

²⁵ "Portanto, qualquer que seja a natureza secreta e abstracta da substância em geral, todas as ideias que tenhamos de tipos específicos e distintos de substâncias não são mais do que múltiplas combinações de ideias simples, coexistindo na 'tal causa da sua união, embora desconhecida', [destaque nosso] que faz com que o todo subsista em si" (1999, p. 390-391).

²⁶ "Portanto, e em poucas palavras, a ideia que possuímos de espírito comparada com a ideia que temos de corpo apresenta-se da seguinte forma: a substância dos espíritos 'é-nos desconhecida e a substância do corpo também nos é igualmente desconhecida' [destaque nosso]" (1999, p. 410-411).

²⁷ "Pela ideia complexa de extensão, de forma, de cor e de quaisquer outras qualidades sensíveis, que é tudo o que sabemos do corpo, continuamos tão longe da ideia da substância do corpo como se não soubéssemos nada" (1999, p. 401). E: "portanto, somos tão incapazes de descobrir onde as ideias pertencentes ao corpo estão alojadas, como de o fazer em relação às ideias pertencentes ao espírito". (1999, p. 410).

modo incompleto e obscuro', de acordo com a passagem. O filósofo, no entanto, não é explícito a respeito do que é possível falar racionalmente sobre o substrato. Nossa sugestão é a de que é possível, no limite, saber de sua existência, como ficará claro na resposta lockiana à forma A1 de se interpretar a acusação de Stillingfleet.

Locke responde à acusação de eliminar as substâncias do discurso racional, de modo a direcionar a objeção contra os mais célebres lógicos que, a seu ver, não teriam sido capazes de falar mais claramente sobre o substrato²⁸. Franco Burgersdijk (1590-1635) e John Sanderson (15??-1602), observa Locke, não foram capazes de apresentar uma ideia mais clara do que a oferecida no *Ensaio*, de modo que, se a acusação em sua forma A2 for aceita, Stillingfleet teria de admitir que esses célebres autores também "deveriam ser considerados 'cavalheiros que empreendem esta nova maneira de pensar, que quase descartaram a substância da parte razoável do mundo'" (1824, p. 08). Portanto, ao crítico, Locke deixaria duas opções: aceitar a caracterização lockiana da ideia de substância como confusa e obscura ou rejeitá-la, o que implicaria na censura de outros célebres nomes que trataram da matéria.

Locke parece preocupar-se mais em responder A1, dada a extensão de suas considerações sobre ela: é preciso explicar o equívoco de se lhe atribuir uma compreensão cética ou dogmática negativa sobre a existência do substrato. Por um lado, o filósofo admite – ou ao menos parece admitir – que a confusão e obscuridade da ideia de SPG impossibilitariam o conhecimento do substrato das qualidades sensíveis e operações mentais. O texto do *Ensaio* é claro: o entendimento 'ignora perfeitamente' o que é esse substrato. Por outro lado, é preciso averiguar a possibilidade de

Stillingfleet estar certo em relação à acusação A1. Se a ignorância a respeito do substrato é completa, como é possível saber de sua existência? O filósofo defende-se veementemente dessa acusação na primeira 'Carta':

A outra coisa de que sou acusado é que é como se eu tomasse o ser da substância como duvidoso, ou o tornasse duvidoso, pela ideia imperfeita e mal fundada que dela apresento. A isto, permita-me dizer que 'não fundamento o ser, mas sim a ideia de substância' [destaque nosso] no nosso costume de supor algum substrato, pois é somente da ideia de que falo lá, e não do ser da substância (LOCKE, 1824, p. 18).

A resposta de Locke a essa acusação é reiterar que, no *Ensaio*, seu objetivo é discutir as ideias, não o ser das coisas significadas por essas ideias. O filósofo pretende explicar o modo como o espírito forma para si a ideia de SPG, não falar sobre a existência ou inexistência do substrato.

O texto do *Ensaio* é explícito sobre como o filósofo entende que a confusão e a obscuridade da ideia de SPG não ameaçariam a existência de um substrato. A conclusão de que não existem substâncias corporais e espirituais não é permitida. Locke nega explicitamente ser um dogmático negativo em relação ao substrato²⁹. Contudo, a acusação A1 de Stillingfleet é pertinente, ainda que alguns intérpretes pareçam negar isso³⁰. Richard Popkin (1971), em um dos poucos trabalhos integralmente dedicados ao pensamento de Stillingfleet, observa que o Bispo sagazmente 'prevê' as consequências céticas³¹ da filosofia que se desenvolve a partir da noção de 'ideia':

À medida que a idade moderna do empirismo começou, Stillingfleet diagnosticou algumas de suas principais tendências. Enquanto Locke estava sendo aplaudido pelos newtonianos na Inglaterra, França e Holanda, o Bispo viu 'a direção que este novo empirismo iria tomar [destaque nosso]'. Sem ter de esperar até que

²⁸ "Mas isto é o melhor que consegui encontrar até agora, tanto pelo meu próprio pensamento como nos livros dos lógicos, pois a sua concepção dela é a de que se trata de um *ens* ou *res per se subsistens et substans accidentibus*, que, de fato, significa apenas que a substância é um ser ou coisa ou, resumidamente, algo que não sabem o quê, ou do qual não têm uma ideia mais clara do que a de que é algo que suporta acidentes ou outras ideias e modos simples, e que não é, ela mesma, suportada como um modo ou acidente" (1824, p. 08).

²⁹ "É claro, então, que a ideia de substância corpórea na matéria é tão remota para a nossa concepção e compreensão como a de uma substância espiritual, ou espírito. E, portanto, por não termos qualquer ideia da substância do espírito, 'nada podemos concluir da sua inexistência', tal como não podemos, pela mesma razão, negar a existência do corpo" (1999, p. 390).

³⁰ Richard Aaron (1955), por exemplo, apenas reitera o que é dito por Locke na primeira 'Carta', sem notar nenhuma dificuldade nas palavras do filósofo: "Locke is dealing with ideas here. This means that any solution offered, from the nature of the case, applies only to ideas and does not apply, directly at least, to reality" (1955, p. 174).

³¹ Esclarecemos que temos em vista aqui, assim como Popkin, o ceticismo sobre a existência de substâncias, sejam elas corpóreas (como em Berkeley e Hume) ou espirituais (como em Hume).

Berkeley e Hume impulsionassem a teoria de Locke para sua conclusão lógica. Stillingfleet percebeu que 'uma espécie de ceticismo já estava envolvido'. [destaque nosso] (POPKIN, 1971, p. 316).

O Bispo anteciparia a conclusão que Thomas Reid (1710-1796), que cerca de meio século mais tarde, desenvolve sistemática e detidamente em sua obra: a via lockiana das ideias está intrinsecamente ligada ao ceticismo³².

Na primeira 'Carta', Locke pretende defender-se da acusação: "tendo, em todos os lugares, afirmado que o homem constitui uma substância e raciocinado a partir dessa afirmação, não é possível supor que questiono ou duvido do ser da substância senão supondo que questiono ou duvido do meu próprio ser" (1824, p. 18). Talvez, nota o filósofo, Stillingfleet não tenha entendido que, em seu modo de se expressar no *Ensaio*, a substância é algo real: "estas e outras maneiras semelhantes de pensar – familiares – supõem que a substância é sempre algo além da extensão, da figura, da solidez, do movimento, do pensamento ou de outra ideia visível, apesar de não sabermos o que é" (1824, p. 07). Locke julga que a doutrina da substância do *Ensaio* em nada ameaça a existência de um substrato. O filósofo reitera o princípio de que 'a existência não depende das ideias do espírito':

Penso que o ser da substância não é abalado pelo que disse, e se a sua ideia deve sê-lo, ainda assim, dado que o 'ser das coisas não depende das nossas ideias, o ser da substância não seria' [destaque nosso], de maneira nenhuma, abalado pelo que disse – que não temos dela senão uma ideia imperfeita e obscura, e que tal ideia resulta de nos exumarmos a supor algum substrato, ou mesmo que, devo dizer, não temos qualquer ideia de substância (LOCKE, 1824, p. 18).

A nosso ver, é justamente esse princípio assumido por Locke no *Ensaio* e reafirmado na carta que aproximam sua teoria da substância do ceticismo. Explicamos: se a obscuridade e confusão da ideia de SPG não permite negar a existência de um substrato, tampouco seria suficiente para garantir a sua existência.

Reconhecemos, no entanto, que isso não é a totalidade do argumento de Locke em favor da existência de um substrato para as qualidades sensíveis e operações mentais. Na primeira 'Carta', Locke parece sugerir, em um esclarecimento que certamente é motivado pela acusação de Stillingfleet, que existem ao menos duas maneiras de se conhecer a existência do substrato: (B1) a existência das ideias complexas de substâncias particulares, sejam elas corporais ou espirituais, e (B2) a existência de ideias simples, sejam elas de sensação ou reflexão.

Na passagem a seguir, Locke apresenta B1:

'A nossa ideia de corpo é, digo eu, de uma substância extensa e sólida, e a nossa ideia dos nossos espíritos é de uma substância que pensa³³. Portanto, 'enquanto houver no mundo tal coisa como corpo ou espírito' [destaque nosso], não fiz nada no sentido de descartar a substância da parte razoável do mundo (LOCKE, 1824, p. 07).

Pouco adiante, Locke acrescenta, ainda sobre B1: "e disto [a existência das substâncias], o homem, o cavalo, o sol, a água, o ferro, o diamante, etc. – mencionados como tipos distintos de substâncias – serão minhas testemunhas, enquanto alguma coisa permanecer no ser [...]" (1824, p. 07).

Ao estabelecer B1, Locke pretende defender-se do ataque assumindo uma forma de 'teoria do feixe' (*Bundle theory*) em relação à existência das substâncias particulares. Explicamos. B1 não é uma afirmação sobre a existência de uma substância enquanto substrato. Ela é uma afirma-

³² Reid dedica uma parte considerável de sua primeira grande obra, *Uma investigação sobre a mente humana segundo os princípios do senso comum* (1997), publicada originalmente em 1764, a atacar o que, a seu ver, é o fundamento do ceticismo presente nos pensamentos de autores dos séculos XVII e XVIII, o princípio de que a mente conhece ideias: "o ceticismo estava pronto para precipitar-se sobre Descartes tão logo ele começou a cavar nessa mina [a teoria das ideias], contudo, ele fez o que pôde para impedir sua entrada. Malebranche e Locke, cavando mais fundo, encontraram dificuldade de manter afastado esse inimigo que crescia ainda mais, trabalhando honestamente, no entanto, nesse desígnio. Berkeley, em seguida, continuando o trabalho e, desencorajado de assegurar tudo, lembrou-se de um recurso: ao desistir do mundo material, pensando poder dispensá-lo sem perda e mesmo com vantagem, esperou por essa divisão inexpugnável assegurar o mundo dos espíritos. Mas, infelizmente, o *Tratado da natureza humana* minou desenfreadamente os alicerces dessa divisão, e afundou tudo em um dilúvio universal" (1997, p. 23).

³³ Nessa passagem, Locke cita um trecho da vigésima segunda seção do capítulo XXIII (1999, p. 403).

ção sobre a existência de substâncias enquanto coisas particulares apreendidas por meio de ideias complexas de substância. Não se poderia descartar as substâncias da parte razoável do mundo na medida em que a existência de ideias complexas de substâncias particulares de que o espírito dispõe é uma evidência da existência dessas coisas. As ideias complexas – conjuntos de ideias de qualidades sensíveis ou de operações mentais – são uma das duas evidências para o conhecimento da existência das substâncias enquanto existências particulares. O filósofo, no entanto, não é um teórico do feixe. Apesar de sugerir B1 em favor dessa compreensão, tanto no *Ensaio* quanto na primeira 'Carta', Locke assume uma teoria do substrato, isto é, a compreensão de que há um substrato para as qualidades sensíveis e operações mentais³⁴.

Entretanto, julgamos que existem ao menos duas dificuldades para B1. A primeira delas já foi notada acima: a existência não depende das ideias do entendimento. As ideias complexas de substâncias não poderiam oferecer a certeza da existência de árvores ou de um espírito. A segunda dificuldade depende da explicação do que, a princípio, poderia ser um ponto de apoio sólido para o argumento lockiano. Apesar de não o fazer em sua resposta, Locke poderia remeter seu crítico ao Livro IV do *Ensaio*, em particular, ao capítulo 'Da realidade do nosso conhecimento'. Ali, o filósofo lida com o problema de explicar como as ideias correspondem a coisas reais³⁵.

A seu ver, pode-se estar seguro de que dois tipos de ideias concordam com as coisas reais, as ideias simples³⁶ e algumas ideias complexas. No caso das ideias complexas de substância, Locke reconhece que nem todas correspondem à realidade. É possível, no entanto, estar certo de que algumas delas estão em conformidade com coisas reais. O ponto de apoio do argumento lockiano é uma forma de 'critério de ordem': elas são formadas de acordo com uma ordem que não depende da vontade do espírito³⁷. Por exemplo, a ideia complexa de maçã surge sempre como um agregado de determinadas ideias simples de cor, cheiro e sabor. Esse fato empírico, 'a ordem das ideias complexas de substância', supõe Locke, sugeriria que elas são cópias de modelos reais³⁸.

A nosso ver, David Hume (1711-776), décadas mais tarde, auxilia a identificar a insuficiência desse critério para se poder justificar que as ideias complexas de substâncias correspondem a coisas reais fora da mente. Na célebre seção 'Do ceticismo quanto aos sentidos', do *Tratado da Natureza Humana* (2001)³⁹, Hume explica que à filosofia cabe mais se perguntar pela causa da crença na existência dos objetos externos do que se eles existem ou não (2001, p. 220). Sua tarefa deve ser a de explicar o processo por meio do qual a crença na existência real – ou melhor, a existência contínua e distinta⁴⁰ – de objetos externos é formada na mente. A seu ver, isso ocorre em virtude de um critério muito semelhante àquele apresentado por Locke, contudo, mais

³⁴ Para uma compreensão sistemática de uma 'teoria do substrato' e uma 'teoria do feixe', sugerimos a leitura de Theodore Sider (2006, p. 387).

³⁵ "Se o conhecimento que temos das nossas ideias termina nestas ideias, e não vai além, quando o que se pretende é algo mais, os nossos mais sérios pensamentos não serão de maior utilidade do que os sonhos de um cérebro louco; e as verdades construídas sobre este conhecimento não serão de maior peso do que os discursos de um homem que vê claramente as coisas em sonho e as conta com uma grande certeza" (1999, p. 775).

³⁶ "Uma vez que o espírito não pode, de maneira nenhuma, formá-las por si próprio, como já foi mostrado, é preciso necessariamente que estas sejam o produto de coisas que operem, de uma maneira natural, sobre o espírito, e que produzam aí as percepções às quais estão destinadas e adaptadas pela Sabedoria e Vontade do nosso Criador" (1999, p. 776).

³⁷ "Eu digo, então, que para ter ideias das 'substâncias' que, pela sua conformidade com as coisas, possam fornecer-nos um conhecimento real, não basta juntar, como nos 'modos', ideias que não tenham nenhuma incompatibilidade, embora nunca existissem assim antes [...]" (1999, p. 782).

³⁸ "Mas as nossas ideias de substâncias, como são consideradas cópias e referidas a arquétipos que existem fora de nós, devem ser tiradas de uma coisa que exista ou tenha existido; não devem consistir em ideias agrupadas segundo o agrado dos nossos pensamentos, sem seguirem qualquer modelo real [realidade] donde foram tiradas, ainda que possamos não aperceber nenhuma incompatibilidade numa tal combinação" (1999, p. 782).

³⁹ Publicado originalmente em 1739-40. Doravante, apenas *Tratado*.

⁴⁰ "Por que atribuímos uma existência 'contínua' aos objetos, mesmo quando não estão presentes aos sentidos? E por que supomos que possuem uma existência 'distinta' da mente e da percepção?" (2001, p. 221).

sofisticado, a saber, a 'constância'⁴¹ e 'coerência'⁴² com que as impressões dos sentidos afetam a mente. Julgamos que o critério humano é mais sofisticado na medida em que é capaz de explicar inclusive as inconstâncias da experiência: mesmo em ocasiões em que a constância das impressões não pode ser verificada, a mente não deixa de atribuir ao objeto uma existência contínua e distinta, visto que as impressões apresentam certa 'coerência'. Notamos que mesmo formulando um critério mais sofisticado, Hume não julga que ele seja suficiente para justificar que suas percepções correspondam a objetos reais. A seu ver, um filósofo da mente, como Locke, não seria capaz de falar sobre aquilo que está para além das percepções, em específico, das impressões advindas dos sentidos⁴³. B1, portanto, se estamos certos nessas reflexões, não seria um argumento adequado para responder à acusação de *Stillingfleet*.

Tornemos nossa atenção à segunda via de conhecimento da existência das substâncias, B2, que diz respeito à existência de um substrato para as qualidades sensíveis ou operações mentais:

Tampouco, de acordo com o meu modo de argumentar, enquanto restar alguma ideia simples ou qualidade sensível, a substância não pode ser descartada, pois todas as ideias simples e todas as qualidades sensíveis 'carregam consigo a suposição de um substrato no qual existem e de uma substância à qual sejam inerentes' [destaque nosso] (LOCKE, 1824, p. 07).

Locke, parece-nos, retoma B2 ao sugerir que os sentidos são a evidência da existência de substâncias corporais: "primeiro, em relação à existência de substâncias corpóreas, sei, pelos meus sentidos, que existe algo extenso, sólido e figurado, pois os meus sentidos constituem a máxima evidência que tenho da existência de coisas extensas, sólidas e figuradas" (1824, p. 29). Do mesmo modo, B2 parece estar presente na

compreensão de que a experiência de pensar revela a existência de uma substância pensante:

Depois de experimentar o pensamento em mim mesmo da mesma maneira, pela existência do pensamento em mim – ao qual algo que pensa é evidente e necessariamente conectado na minha mente –, alcanço a certeza de que existe, em mim, algo que pensa, apesar de não ter mais que uma ideia obscura e imperfeita desse algo, ao qual eu também chamo de substância (LOCKE, 1824, p. 29).

O nosso comentário a essa via de descoberta da existência do substrato diz respeito ao que parece ser um 'processo racional' de descoberta dessa existência. Explicamos: o filósofo parece sugerir que o entendimento é levado à crença na existência dessas substâncias a partir de uma consideração sobre a incapacidade de qualidades sensíveis e operações mentais existirem por si só – a mesma incapacidade que, como discutiremos na próxima seção, faz com que o espírito forme para si a ideia de substrato. Quer dizer, diante da consideração de que qualidades e operações não podem subsistir, parece necessário que o espírito simultaneamente suponha (isto é, conceba de maneira confusa ou obscura) um substrato em que elas existiriam e acredite na existência desse suporte:

Sendo os modos conhecidos como existentes pelos nossos sentidos, a sua existência (que não concebo que possa subsistir sem algo que os suporte) faz-me ver a conexão entre essas ideias com um suporte ou sujeito de inerência (como é chamado) e, conseqüentemente, 'a conexão desse suporte (que não pode não ser nada) com a existência' [destaque nosso] (LOCKE, 1824, p. 29).

A partir disso, Locke conclui: "assim, chego, por uma certeza sobre a existência desse algo que constitui um suporte desses modos sensíveis – apesar de não ter dele mais que uma ideia confusa, vaga e indeterminada –, significado por essa mesma substância" (1824, p. 29).

⁴¹ "Essas montanhas, casas e árvores que estão diante de meus olhos sempre me apareceram na mesma ordem; e se as perco de vista, ao fechar os olhos ou virar a cabeça, logo depois vejo que retornam a mim sem a menor alteração" (2001, p. 227).

⁴² "Quando retorno a meu aposento após dele me ausentar por uma hora, não encontro o fogo de minha lareira na mesma situação em que o deixara; mas, afinal, estou acostumado a ver, em outros exemplos, uma alteração semelhante produzir-se em um intervalo de tempo semelhante, esteja eu presente ou ausente, próximo ou distante. Essa coerência em suas mudanças, portanto, é uma das características dos objetos externos, ao lado de sua constância" (2001, p. 228).

⁴³ No início do *Tratado*, Hume já nota: "ora o estudo de nossas sensações cabe antes aos anatomistas e aos filósofos naturais que aos filósofos morais, e por esse motivo não entraremos nele no momento" (2001, p. 32).

Se estivermos certos em nossa leitura, o argumento pode assim ser construído:

P1: As qualidades sensíveis e operações mentais existem;

P2: As qualidades sensíveis e operações mentais não podem subsistir;

P3: As qualidades sensíveis e operações mentais devem existir em algo;

C: Logo, esse algo em que as qualidades sensíveis e operações mentais existem também existe ('pois não pode não ser nada').

A nosso ver, a dificuldade diz respeito, sobretudo, à segunda premissa do argumento apresentado acima, que estabelece que as qualidades sensíveis e operações mentais não podem subsistir. A lição a esse respeito é ensinada, mais uma vez, por Hume, na seção 'Da imaterialidade da alma', no *Tratado*. De acordo com o filósofo, não há nada nas próprias percepções – impressões e ideias – que justifique a visão de que elas dependem de algo para existir. Hume nota que a tradicional definição de substância – uma 'substância' é aquilo que existe por si mesmo (2001, p. 265) – é aplicável a tudo o que pode ser percebido. Em outras palavras, o conceito tradicional de substância pode ser aplicado a todas as percepções, de modo que a distinção entre substância enquanto suporte de inerência e percepção enquanto aquilo que depende de um suporte não seria inteligível:

[...] Todas as nossas percepções são diferentes uma das outras e de tudo mais no universo, também elas são distintas e separáveis, e podem ser consideradas como existindo separadamente, e podem de fato existir separadamente, sem necessitar de nada mais para sustentar sua existência. São, portanto, substâncias, até onde a definição acima explica o que é uma substância (HUME, 2001, p. 265).

Portanto, diz-nos Hume, as percepções da mente não dependem de uma substância, pois, cada uma delas seria, de acordo com a definição tradicional, ela própria uma substância. A defesa humiana de sua conclusão é baseada sobre dois princípios fundamentais de seu empirismo, a saber, o princípio da cópia⁴⁴ e o princípio da separabilidade⁴⁵. A segunda premissa do argumento de Locke, diferentemente, não parece estar fundada sobre nenhum argumento. O autor do *Ensaio* não justifica sua premissa, de modo que, a nosso ver, ainda que não aceitemos a conclusão de Hume no *Tratado*, reconhecemos que a defesa lockiana da existência da substância a partir das ideias de sensação e/ou reflexão é, no melhor dos casos, problematizável.

4 A origem da ideia de substância pura em geral

Iniciamos essa seção notando o que, a princípio, parece ser uma tensão no texto da primeira 'Carta': se Locke recusaria ou não a existência da ideia de SPG. Em algumas passagens, o filósofo parece reconhecer a possibilidade de que o espírito não dispõe dessa ideia. Na primeira delas, o filósofo observa: "não temos qualquer ideia de substância. Com efeito, muitas coisas pode haver e se pode estar certo de que existem na natureza, das quais não temos quaisquer ideias" (1824, p. 18). Essa afirmação ecoa uma passagem do *Ensaio* em que Locke afirma algo semelhante: não há uma ideia de substrato no espírito⁴⁶. Lex Newman, ao se referir a essa tensão no texto do *Ensaio*, chama-as de tendências 'eliminativista' (*eliminativism*) e 'retencionista' (*retentionism*): Locke eliminaria a existência da ideia de substrato ou a manteria (2000, pp. 293-294).

Na primeira 'Carta', o filósofo oferece, logo após a passagem eliminativista citada acima, um

⁴⁴ Hume observa: "se tivéssemos uma ideia de substância de nossas mentes, teríamos que ter dela também uma impressão – o que é muito difícil, senão impossível, de conceber. Pois como poderia uma impressão representar uma substância, senão assemelhando-se a ela? Pois como poderia uma impressão se assemelhar a uma substância, já que, segundo essa filosofia, ela não é uma substância, e não possui nenhuma das qualidades ou características peculiares de uma substância" (2001, p. 265)?

⁴⁵ Hume nota que o apelo à tradicional definição de substância – uma 'substância' é aquilo que existe por si mesmo (2001, p. 265-266) – não auxilia a escapar da dificuldade de discutir a questão da materialidade ou imaterialidade da alma, uma vez que esta definição é aplicável a tudo o que pode ser percebido. Em outras palavras, o conceito tradicional de substância pode ser aplicado a todas as percepções, de modo que a distinção entre substância e percepção não seria inteligível. O raciocínio humiano baseia-se sobre dois princípios: 'tudo o que é concebido claramente pode existir'; 'tudo o que é distinguível é separável pela imaginação'.

⁴⁶ "Uma vez que a nossa ideia de substância é igualmente obscura, ou que 'não temos qualquer ideia acerca da mesma' [destaque nosso], em ambos os casos é apenas algo suposto – 'não sei o quê' – que suporta essas ideias a que chamamos acidentais" (1999, p. 400).

exemplo que, a nosso ver, poderia ressignificar o sentido daquelas palavras – aparentemente eliminativistas:

Por exemplo, não se pode duvidar de que há espécies distintas de espíritos, dos quais não temos, de maneira alguma, 'ideias distintas'. Não se pode questionar que os espíritos detêm maneiras de comunicar os seus pensamentos e, ainda assim, não temos, 'de maneira alguma' [at all] [destaques nossos] ideia disso (LOCKE, 1824, p. 18).

A passagem esclarece inicialmente que, para Locke, o espírito não dispõe apenas de uma 'ideia distinta' de outros espíritos. Isto é, seria possível interpretá-la como se o filósofo não negasse uma ideia suposta de SPG, mas sim uma ideia – clara e distinta – dessa. No entanto, a tendência eliminativista é retomada no próprio trecho citado acima: a expressão 'de maneira alguma', escrita imediatamente na sequência, parece mais uma vez sugerir que o espírito não dispõe dessa ideia, de modo que nossa sugestão de solução para a tensão eliminativismo / retencionismo – de que Locke negaria apenas a existência de uma ideia clara e distinta – não está livre de dificuldades.

Apesar das passagens conflitantes apontadas acima, Locke ocupa-se, no texto da primeira 'Carta', em apresentar uma explicação de como o espírito forma para si a ideia de SPG – o que certamente confirma a leitura retencionista na

resposta a Stillingfleet. No *Ensaio*, a questão da origem da ideia de SPG é um dos pontos mais controversos no que diz respeito à teoria da substância. A nosso ver, a obra oscila explicitamente entre uma fonte empírica⁴⁷ e uma fonte racional⁴⁸ para essa ideia. De uma perspectiva empírica, Locke sugere, por exemplo, que ela pode ser produto do 'costume'⁴⁹, além de notar em algumas passagens o que parece ser uma 'propensão' do espírito a supô-la ao pensar na ideia complexa de substância⁵⁰. Essa compreensão empírica é reforçada pelas menções do filósofo ao fato de que essa ideia é devida à 'experiência diária' da conjunção de ideias simples de sensação / reflexão⁵¹. Por outro lado, de uma perspectiva racional, Locke menciona mais de uma vez a incapacidade do espírito de 'conceber' que as qualidades sensíveis e as operações mentais pudessem subsistir, de modo que, diante dessa incapacidade, o espírito precisaria formar uma ideia de substrato⁵². Há também uma passagem em que o filósofo sugere que a ideia de SPG é uma 'conclusão'⁵³. Além da dificuldade interpretativa de conciliar as sugestões de Locke de que o costume, uma propensão, uma incapacidade de concepção e uma conclusão produzem a ideia de substância enquanto substrato, o filósofo a entende também como uma ideia abstrata⁵⁴.

Os intérpretes divergem sobre como interpretar o texto do *Ensaio*. Jonathan Bennett⁵⁵ (1971),

⁴⁷ Por 'fonte empírica', entenderemos aquelas leituras que sugerem que a formação dessa ideia de substância não envolve nenhum desses processos anteriores. Nesse caso, o espírito seria naturalmente levado, por exemplo, pela experiência da coexistência de qualidades sensíveis, à formação dessa ideia, sem a necessidade de concluir ou abstrair para se formar a ideia.

⁴⁸ Por 'fonte racional', entenderemos aquelas leituras que sugerem que a ideia de substância pura em geral decorre de processos mentais como a inferência ou a abstração. Por exemplo, diante da constatação da impossibilidade de se conceber que as qualidades sensíveis possam subsistir por si próprias, o espírito, por inferência, conclui que existe necessariamente um suporte para essas qualidades. De outro modo, diante dessa mesma constatação, o espírito abstrai essa ideia de substância pura das ideias simples de sensação / reflexão ou das ideias complexas de substâncias particulares.

⁴⁹ "[...] Embora a ideia que possuímos de ambos seja apenas a compilação ou a associação dessas múltiplas ideias simples das qualidades sensíveis que costumávamos encontrar unificadas na coisa' [destaque nosso] denominada cavalo ou pedra, uma vez que não podemos conceber como é que ambas poderiam subsistir sozinhas ou uma na outra, supomos que existem num objecto comum ou são suportadas por ele" (1999, p. 389).

⁵⁰ Ao explicar a ideia de substância espiritual, ele nota que "somos propensos a pensar que estas acções pertencem a uma outra substância a que chamamos espírito" (1999, p. 389).

⁵¹ "[...] Através das ideias simples que obtemos dessas operações das nossas mentes que 'experimentamos diariamente em nós', como o pensamento, o entendimento, a vontade, o saber e o poder de iniciar movimento, etc., 'coexistindo em alguma substância', [destaques nossos] [...]" (1999, p. 400).

⁵² Nesse caso, ele é movido por algo como um 'critério de conceitabilidade': "[...] uma vez que não podemos conceber como é que ambas [as ideias simples de sensação e reflexão] poderiam subsistir sozinhas ou uma na outra, supomos que existem num objeto comum ou são suportadas por ele" (1999, p. 389).

⁵³ "O mesmo acontece em relação às operações mentais, isto é, o pensamento, o raciocínio, o receio, etc. os quais 'concluimos não dependerem de si próprios' [destaque nosso], nem apreendemos como é que podem pertencer a um corpo, ou serem produzidos por ele" (1999, p. 389-390).

⁵⁴ "Portanto, qualquer que seja a natureza secreta e abstracta da substância em geral, [...]" (1999, p. 390-391).

⁵⁵ Bennett não é totalmente claro sobre como compreender a origem da ideia de substância pura em geral, contudo, parece sugerir que essa ideia se origina de uma análise da linguagem: "portanto, se alguma declaração existencial ou 'sujeito objeto' é verdadeira, então

J. D. Mabbott⁵⁶ (1973), Michael Ayers⁵⁷ (1975) e, mais recentemente, Han-Kyul Kim⁵⁸ (2019), por exemplo, sugerem que essa ideia poderia ser explicada apenas a partir de processos racionais. Richard Aaron⁵⁹ (1955) e Margaret Atherton (1984)⁶⁰, por sua vez, entendem que processos empíricos seriam suficientes nessa explicação. Há também uma leitura intermediária, como a de Lex Newman (2000), que busca privilegiar o caráter empírico da explicação no *Ensaio*⁶¹ sem, contudo, negar que o caráter racional possa ter alguma influência⁶².

Stillingfleet certamente nota essa tensão no texto do *Ensaio*: "e isto é, realmente, o que há a ser dito sobre o ser da 'Substância, que nos acostumamos a supor' um Substrato? Esse costume é baseado na verdadeira Razão ou não?" (1697, p. 236). Se estamos certos em nossa leitura, pode-se dizer que no texto da primeira 'Carta', Locke não apresenta uma explicação mais clara dessa origem. A tensão do *Ensaio* parece ser mantida. Notamos que as menções do filósofo ao costume são mais recorrentes. Em uma passagem, Locke observa, por exemplo, que [E1]⁶³ as ideias complexas de substâncias particulares, "embora

seja[m] composta[s] de modos, [E2] pelo 'costume [from the custom] de supor' [destaque nosso] um substrato no qual a combinação subsiste [...]" (1824, p. 17). Adiante, mais duas menções: "permita-me dizer que não fundamento o ser, mas sim a ideia de substância no 'nosso costume [accustoming ourselves] de supor' [destaque nosso] algum substrato, [...]" e "[...] tal ideia resulta de nos 'acostumarmos [accustoming ourselves] a supor' algum substrato, ou mesmo que, devo dizer, não temos qualquer ideia de substância" (1824, p. 18).

Apesar das menções ao costume na primeira 'Carta', Locke menciona, em uma perspectiva mais racionalista, a atuação de um princípio de conceitabilidade na origem da ideia de SPG e, ademais, um ato mental de percepção da conexão necessária entre aquilo que é suportado e um suposto substrato:

As ideias destas qualidades e ações, ou poderes, [R1]⁶⁴ são percebidas pela mente como inconsistentes com a existência' [destaque nosso] ou, como vossa senhoria bem o expressa: "descobrimos que não temos nenhuma concepção verdadeira de quaisquer modos ou acidentes, mas devemos conceber um substrato ou objeto no qual eles são"⁶⁵, isto

há dois tipos de item – substâncias e propriedades ou qualidades. Os primeiros possuem o privilégio de carregar ou suportar as segundas sem serem, eles próprios, suportados da mesma maneira por alguma coisa. Implicamos a existência de 'substâncias' neste sentido toda vez que implicamos que alguma propriedade é instanciada" (1971, p. 59-60).

⁵⁶ Mabbott diz: "Locke de fato concorda com Stillingfleet de que a ideia de substância 'está' fundada sobre a razão, isto é, na consciência da conexão necessária e não sobre o costume" (1973, p. 30).

⁵⁷ Ayer observa: "outras passagens tornam bastante claro que Locke acredita que a ideia de substância é tal que chegamos a ela racionalmente, e que não podemos, razoavelmente, evitar. A palavra 'acostumar' parece referir-se não ao processo pelo qual adquirimos e aplicamos pela primeira vez a ideia, mas à condição em que estamos a partir do momento em que a usamos de forma habitual" (1975, p. 11).

⁵⁸ Locke explicaria essa ideia a partir de um 'processo especial de abstração'. Há uma reinterpretação da noção de 'abstração' para explicar em que medida um substrato poderia ser uma 'entidade abstrata': "por 'abstrato', aqui, no entanto, Locke invoca uma noção mais moderna de abstractividade [abstractness] – a saber, a de uma 'entidade funcional' [destaque nosso], que é definida em termos do seu 'papel por si só, sem referência à natureza específica daquilo que, efetivamente, desempenha esse papel' [destaque nosso]" (2019, p. 119).

⁵⁹ Aaron observa: "como, então, ela [a ideia de substância] é derivada no caso da ideia de uma substância particular? Deveríamos dizer que é algo conhecido racionalmente, de tal modo que a relação substância-atributo é apreendida logicamente? Mas isto é algo que Locke nega. A substância é um não-sei-o-quê, logo, não é possível discernir racionalmente a relação entre as qualidades observáveis e a substância, que é incognoscível." (1955, p. 175).

⁶⁰ Apesar de não ser sistemática sobre isso, a intérprete diz: "sabemos que deve haver substância porque temos experiências sensíveis ou ideias de qualidades sensíveis simples que não se podem trazer a si mesmas à existência, não podem subsistir por si mesmas. As ideias que temos convencem-nos de que deve haver algo com o poder de nos afetar, provocando mudanças em nossas ideias" (1984, p. 414-415).

⁶¹ O intérprete, nesse caso, sublinha o valor do costume, ou experiência costumeira da conjunção constante das ideias simples de sensação / reflexão, para explicar a origem da ideia de SPG: "In making the case that the experience of customary/habitual associations of ideas helps explain the genesis of the idea of substratum, Locke does not need to produce details of how these habitual experiences lead to the result that the mind regards some aggregates as unified; he needs only that there is sufficient evidence that this result somehow occurs. Likewise, the success of the custom interpretation I'm proposing does not depend on producing such details on Locke's behalf" (2000, p. 301).

⁶² "Não é meu objetivo argumentar que Locke é bem sucedido em basear sua ideia de substratum inteiramente na experiência – sem qualquer apelo a alguma estrutura conceitual nativa ou operação da razão. Apesar disso, argumentarei que o costume/hábito desempenha, de fato, o papel fundador proeminente que as notas do primeiro parágrafo sugerem" (2000, p. 301).

⁶³ Utilizamos a letra E para designar o caráter empirista da afirmação lockiana.

⁶⁴ Utilizamos a letra R para designar o caráter racionalista da afirmação lockiana.

⁶⁵ A passagem do *Discourse* a que Locke se refere é: "entre estas Noções gerais ou 'Ideias' racionais, 'Substância' é uma das primeiras, pois descobrimos que não podemos ter quaisquer Concepções verdadeiras de 'Modos' ou 'Acidentes' (não importa quais), mas devemos

é, que eles não podem existir ou subsistir por si mesmos. Portanto, [R2] 'a mente percebe a sua conexão necessária com a inerência ou o ser suportado' [destaque nosso] [...] (LOCKE, 1824, p. 21).

Entretanto, a passagem merece um esclarecimento. Locke reconhece que ambos, Stillingfleet e ele próprio, estão de acordo sobre essa incapacidade de concepção na origem da ideia de SPG. Em seu ataque à teoria lockiana, o Bispo observa que a ideia de substância surge justamente da consideração do espírito da impossibilidade dos modos e acidentes existirem por si próprios sem um suporte. Essa proximidade nas compreensões revela mais uma vez o caráter racionalista da explicação de Locke, uma vez que, para Stillingfleet, a substância é uma ideia racional⁶⁶:

O que pode ser mais consistente do que o que vossa senhoria e eu dissemos nestas duas passagens? Ao que me permita implorar-lhe que divulgue ao mundo que o que eu disse sobre a ideia geral de substância e o modo como a obtemos recebe a honra de ser confirmado pela autoridade de vossa excelência (LOCKE, 1824, p. 13).

Por fim, Locke também é explícito, em resposta a uma das acusações de Stillingfleet⁶⁷, que essa ideia é resultado de um processo de abstração:

[...] Permita-me lembrar a vossa senhoria que digo em mais de um lugar – e, particularmente, naqueles citados acima, onde *ex professo* trato da abstração e das ideias abstratas – [R3] que todas elas são elaboradas por abstração e, portanto, não se poderia compreender como a substância seria elaborada de outra maneira. No entanto, algum deslize ou negligência de expressão, em que posso ter tido em vista outra coisa além da ideia geral de substância, pode fazer parecer que o disse (LOCKE, 1824, p. 16).

Adiante, Locke reforça essa compreensão: "nestas palavras não observo nada que negue que a ideia geral de substância surja por abstração, [...]" (1824, p. 17).

Lex Newman (2000) observa, ao notar essa discussão no *Ensaio*, que Locke, infelizmente, não está interessado em detalhar esse processo na obra⁶⁸. Se o intérprete está certo a esse respeito, e julgamos que sim, a primeira 'Carta' seria a oportunidade de esclarecer o modo como o espírito forma para si uma ideia que não é oferecida pela sensação / reflexão. Contudo, julgamos que o filósofo não esclarece esse ponto. O próprio Newman admite que o texto da primeira 'Carta' parece sugerir uma inclinação mais racionalista de Locke⁶⁹ sobre o processo de formação da ideia de substrato, apesar de defender que essa compreensão é fundamentalmente empírica.

Estamos de acordo com interpretações como a de Newman sobre a falta de clareza de Locke, na primeira 'Carta', acerca da origem da ideia de SPG. Apesar disso, gostaríamos de sugerir uma maneira de conciliar todos aqueles aspectos notados acima no texto da carta. Primeiramente, o espírito, quando [E1] afetado por uma ideia complexa de substância, uma maçã, por exemplo, [R1] perceberia que as ideias simples que a compõem não poderiam existir por si próprias – 'inconsistentes com a existência' – e, do mesmo modo, [R2] perceberia que as ideias de cor, sabor e figura, por essa razão, devem necessariamente estar conectadas a algo que as sustente – a 'conexão necessária'⁷⁰. Diante dessas percepções, o espírito é levado [R3] a abstrair, a partir de cada uma das ideias simples de sensação que compõe a ideia de complexa

conceber um 'Substrato' ou Sujeito no qual eles são, uma vez que repugna [*lit is a Repugnancy*] às nossas primeiras Concepções das coisas, que 'Modos' ou 'Acidentes' devam subsistir por eles mesmos" (1697, p. 235-236).

⁶⁶ "Pois se não podemos chegar a uma Ideia racional de 'Substância', não podemos ter nenhum Principio de certeza sobre a qual falar [*to go upon*] neste Debate" (1697, p. 235).

⁶⁷ "Aqui, vossa senhoria parece acusar-me de dois problemas: um, que 'a ideia geral de substância se configura não pela abstração e ampliação de ideias simples, mas por uma complicação de várias ideias simples juntas'; [...]" (1824, p. 16).

⁶⁸ "Infelizmente, Locke não detalha como e por que experiências habituais auxiliam a induzir a mente a formar tais juízos. Ele parece menos preocupado em fornecer uma mecânica detalhada do processo do que expressar o fato de que as experiências costumeiras requeridas contribuem, de alguma forma, para o dito resultado." (2000, p. 303).

⁶⁹ "Em suas numerosas linhas de resposta a Stillingfleet, Locke pode ser lido como repudiando uma concepção de costume, abraçando, ao invés, exatamente a mesma base "racional" de Stillingfleet. Locke professa repetidamente concordar com Stillingfleet, alegando basear a ideia de substratum na "verdadeira razão" – de fato, a mesma "repugnância a nossas concepções" à qual apela Stillingfleet." (2000, p. 310).

⁷⁰ Como será visto adiante, essa compreensão da conexão necessária com a inerência é problemática. Suporemos, por ora, para dar continuidade à explicação, que não há dificuldade quanto a ela.

da maçã⁷¹ – que são percebidas, cada uma delas, como sendo suportadas por algo – uma ideia de substrato. A necessidade de pensar na ideia de um substrato se repetiria sempre que a mente percebesse uma ideia de maçã ou de qualquer outra ideia complexa de substância particular, de modo que [E2] a suposição do substrato se tornaria costumeira no espírito. Ainda que algumas etapas desse processo não estejam livres de dificuldades, sobretudo R2, julgamos que essa sistematização poderia tornar a explicação da origem da ideia de SPG um pouco mais clara, se Locke a tivesse assumido.

5 O caráter relativo da ideia de SPG

Encerramos o presente artigo notando uma diferença notável entre os textos do *Ensaio* e da primeira 'Carta' a respeito da natureza da ideia de SPG. Locke é deveras mais explícito, na resposta a Stillingfleet, sobre o caráter 'relativo' da ideia de substrato⁷². Ela é uma 'ideia relativa', isto é, uma ideia 'moldada' pelo próprio espírito a partir de ideias positivas de sensação / reflexão: "constituindo uma ideia relativa acrescentada à cor vermelha numa cereja, ou ao pensar num homem, a mente configura a ideia correlativa de um suporte" (1824, p. 21). Locke afirma que a teoria de uma ideia relativa de SPG teria sido estabelecida no *Ensaio*:

Com efeito, nunca neguei [no *Ensaio*] que a mente pudesse configurar ideias de relação para si mesma, mas mostrei o contrário nos meus capítulos sobre a relação. Mas uma vez que a relação não pode estar fundada sobre nada, ou ser uma relação de nada, e a coisa aqui relacionada como suportador ou suporte não é representada na mente por alguma ideia clara e distinta; [...] (LOCKE, 1824, p. 21).

Na primeira 'Carta', o filósofo assume a ideia de SPG como uma 'ideia de relação'⁷³, o que não é feito explicitamente no texto do *Ensaio*. O texto da carta, no entanto, assim como o texto da obra, não é claro sobre como entender essa identificação entre ideia relativa / ideia de relação. A nosso ver, essa identificação tampouco estaria livre de dificuldades. Em um trabalho anterior, apontamos ao menos três dificuldades para essa identificação. Em primeiro lugar, notamos que os exemplos de ideias de relação oferecidos por Locke dificultam a compreensão de que a ideia de SPG poderia ser adquirida da mesma maneira que uma ideia de relação. Em segundo lugar, observamos que o filósofo admite que as ideias de relação são ideias claras e distintas, enquanto sublinha durante todo o Livro II do *Ensaio* que a ideia relativa de SPG é confusa e obscura. Em terceiro e último lugar, notamos que, ao discutir as ideias de relação, Locke não aponta nenhuma das dificuldades encontradas na compreensão da ideia relativa de SPG.

Não nos deteremos novamente sobre esses argumentos. Gostaríamos apenas de sublinhar que o texto da primeira 'Carta' não nos parece acrescentar nenhum princípio sobre a natureza relativa da ideia de SPG que permita um esclarecimento sobre como entender a identificação entre ideia relativa e ideia de relação. Nossa interpretação, ao problematizar essa identificação, aproxima-se de leituras como a de Daniel Flage (1981), que sugere que a explicação do caráter relativo da ideia de SPG não pode ser oferecida a partir unicamente dos textos de Locke⁷⁴. Haja vista a falta de clareza tanto no texto do *Ensaio* quanto no texto da primeira 'Carta', seria necessário apelar a outros textos do período para dar

⁷¹ O material a partir do qual a ideia de SPG é abstraída segundo Locke: "[...] e essa ideia geral determinada de algo também é derivada de ideias simples de sensação e de reflexão. E portanto, a partir das ideias simples e positivas que a mente obtém por sensação ou reflexão, chega à ideia relativa geral de substância que, sem as ideias simples positivas, nunca teria" (1824, p. 21-22).

⁷² No *Ensaio*, Locke faz apenas uma breve menção ao caráter relativo da ideia de SPG: "Assim elaborada uma ideia pouco clara e relativa de 'substância em geral', chega-se às ideias de 'tipos específicas de substâncias' através da recolha de 'tais' combinações de ideias simples [...]" (1999, p. 388).

⁷³ A teoria das ideias de relação é sistematizada por Locke no vigésimo primeiro capítulo do segundo livro, 'Da relação'.

⁷⁴ Flage, com efeito, para sistematizar uma explicação do que seria uma ideia relativa em Locke, apela não ao capítulo sobre a relação do *Ensaio*, mas à teoria das 'concepções diretas' e 'concepções indiretas / relativas' de Reid. O intérprete observa: "por uma 'concepção direta' de um objeto, Reid referia-se a uma concepção de algo tal como é em si mesmo, o que, presumivelmente, significa que se concebem todas as propriedades construtivas do objeto. Por outro lado, no caso de uma concepção indireta ou relativa de um objeto de cujas propriedades construtivas não se está ciente, antes, concebe-se algo desconhecido enquanto nada mais do que o objeto que mantém uma relação específica com um objeto que se concebe diretamente, ou concebe-se um objeto particular enquanto o objeto que detém certas propriedades que se concebem diretamente. No último caso, ainda é a relação entre as propriedades que se concebem diretamente e o objeto que é crucial para a concepção que se tem do objeto. Como mostrarei abaixo, é este mesmo tipo de distinção entre dois modos de conceber um objeto que é operativo na distinção de Locke entre ideias positivas e ideias relativas." (1981, p. 143).

sentido à compreensão lockiana de uma ideia relativa. Como Flage, sugerimos que ambos os textos são insuficientes para uma explicação clara sobre a natureza relativa dessa ideia.

A partir das discussões apresentadas acima, avançamos, à guisa de conclusão, a hipótese de que apesar de Locke se deter seriamente sobre a explicação de noção de substância na primeira 'Carta', sua teoria da substância, em alguns aspectos fundamentais, permanece obscura. Em primeiro lugar, julgamos que Stillingfleet está certo ao atribuir a Locke a tese de que o conhecimento depende de ideias claras e distintas. Embora, no Livro IV do *Ensaio*, Locke não mencione a dependência de ideias claras e distintas para o conhecimento, o texto do capítulo sobre a substância apresenta evidências que permitem a leitura do crítico. Em segundo lugar, Locke tem razão em afirmar que os princípios do *Ensaio* não permitem uma forma de dogmatismo negativo sobre a existência de substâncias. Contudo, se o filósofo não nega a existência de substâncias, também não é capaz de provar que elas existem. Portanto, a doutrina lockiana não estaria em condições de garantir a existência de substâncias espirituais ou materiais. Em terceiro lugar, acreditamos que dois pontos de difícil interpretação na teoria do *Ensaio* continuam obscuros na carta, a saber, a tensão entre uma origem empírica ou uma origem racional para a ideia de SPG e o caráter relativo da ideia de SPG.

Referências

- AARON, R. *John Locke: Second Edition*. Oxford: Clarendon Press, 1955.
- ANTOGNAZZA, M. *Leibniz on the Trinity and the Incarnation: Reason and Revelation in the Seventh Century*. New Haven e London: Yale University Press, 2008.
- AYERS, M. R. The Ideas of Power and Substance in Locke's Philosophy. *The Philosophical Quarterly*. v. XXV, nº. 98, p. 01-27, 1975.
- BENNETT, J. *Locke, Berkeley, Hume*. Oxford: Clarendon Press, 1971.
- BIDDLE, J. Locke's Critique of Innate Principles and Toland's Deism. *Journal of the History of Ideas*. v. XXXVII, nº 3, p. 411-422, 1976.
- DUNCAN, S. Toland and Locke in Leibniz-Burnett Correspondence. *Locke Studies*. v. XVII, p. 117-14, 2017.
- FAIRLAMB, N. Edward Stillingfleet. *The Continuum Companion to Locke*. S. -J. Savonius-Wroth, Paul Schuurman e Jonathan Walmsley (Eds). London e New York: Continuum, p 113-1016, 2010.
- FLAGE, D. Locke's Relative Ideas. *Theoria*. v. XLVII, nº. 3, p. 142-159, 1981.
- FREITAS, V.; SALGADINHO, C. A teoria da substância no 'Ensaio sobre o Entendimento Humano' de John Locke. *Trans/form/ação*. v. XLVI, p. 35-60, 2023.
- FREITAS, V.; SALGADINHO, C. A crítica de Edward Stillingfleet à teoria lockiana da substância. O que nos faz Pensar? v. XXX, p. 308-344, 2022.
- HUME, D. *Tratado da natureza humana*. São Paulo: UNESP, 2001.
- JOLLEY, N. *Locke's Touchy Subjects: Materialism and Immortality*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- KIM, H. *The Works of John Locke*. v. III. London: C. and J. Rivington, 1824.
- KIM, H. *Locke's Ideas of Mind and Body*. New York - London: Routledge, 2019.
- KIM, H. *Ensaio sobre o Entendimento Humano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.
- LOQUE, F. Substância em Locke: Algumas notas. p. 185-208. In: BECKER, Evaldo; ALVES PRIMO de Sant'Anna, Marcelo; SOUZA SILVA, Saulo Henrique (eds). *Moral, ciência e história no pensamento moderno*. São Cristóvão: Editora UFS, 2018.
- MABBOTT, J. D. *John Locke*. London e Basingstoke: Macmillan Education, 1973.
- MARKO, J. *Measuring the Distance between Locke and Toland: Reason, Revelation, and Rejection during the Locke-Stillingfleet Debate*. Eugene: Pickwick Publications, 2017.
- MCCANN, E. Locke's Philosophy of Body. p. 56-88. In: CHAPPEL, Vere (ed.). *The Cambridge Companion to Locke*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- MILLICAN, P. Locke on Substance and Our Ideas of Substances. p. 08-27. In: LODGE, Paul; STONEHAM (eds.). *Locke and Leibniz on Substance*. New York e London: Routledge, 2015.
- NEWMAN, L. Locke on the Idea of Substratum. *Pacific Philosophical Quarterly*. v. LXXXI, p. 291-324, 2000.
- POPKIN, R. The Philosophy of Bishop Stillingfleet. *Journal of the History of Philosophy*. v. IX, nº. 3, p. 303-319, 1971.
- REID, T. *Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense*. Derek Brookes (ed). Edinburgh: Edinburgh University Press, 1997.
- SIDER, T. Bare Particulars. *Philosophical Perspectives*. v. XX, p. 387-397, 2006.
- STILLINGFLEET, E. *A Discourse in Vindication of the Doctrine of the Trinity: With an Answer to the Late Socinian Objections against it from Scripture*. London: Printed by J.H. for Henry Mortlock, 1697.

STUART, M. The correspondence with Stillingfleet. p. 354-370. In: STUART Matthew (ed.). *A Companion to Locke*. Malden-Oxford-West Sussex: Wiley-Blackwell, 2016.

WOLTERSTORFF, N. *John Locke and the Ethics of Belief*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

YOLTON, J. *John Locke and the Way of Ideas*. Oxford: The Clarendon Press, 1968.

Vinicius França Freitas

Graduado em Filosofia (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Federal de Uberlândia (2010), mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2012) e doutor em Filosofia (em regime de cotutela) pela Universidade Federal de Minas Gerais e pela Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne (2017). Atualmente, atua como residente pós-doutoral (PNPD / CAPES) no Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFMG, coordena as reuniões do Grupo Ceticismo Moderno / CPNq no Departamento de Filosofia da mesma instituição e coedita a Revista Estudos Hum(e) anos (ISSN 2177-1006).

Carlota Salgadinho Ferreira

Doutora pelo Programa de Pós-graduação do Departamento de Filosofia da PUC-Rio em 2020, tendo defendido a tese intitulada *O quasi-realismo cético de David Hume*. Desde então, atua como Professora Agregada no mesmo departamento, lecionando disciplinas de Filosofia na graduação na mesma área e outras. Desenvolve pesquisa na área de Filosofia Moderna, com ênfase na questão da interface entre as teorias da causalidade e da existência do mundo externo com a teoria dos valores (moral e estético) de Hume, mantendo também interesse em Aristóteles, Locke, Malebranche e Kant e suas possíveis conexões com Hume. Pesquisadora associada ao NUPEM-PUC-Rio/CNPq e ao Grupo Hume UFMG/CNPq.

Endereço para correspondência:

VINÍCIUS FRANÇA FREITAS

Universidade Federal de Minas Gerais

Avenida Antônio Carlos, 6627

Pampulha, 31270901

Minas Gerais, MG, Brasil

CARLOTA SALGADINHO FERREIRA

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rua Marquês de São Vicente, 225

Gávea, 222451900

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Mais H Consultoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.